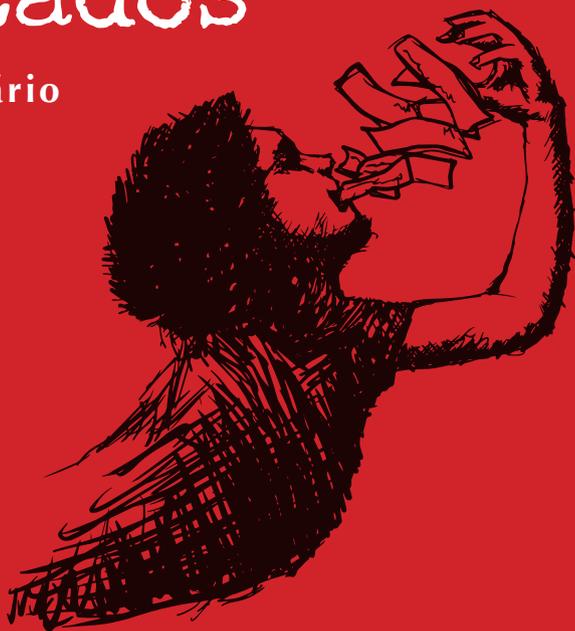


II PRÊMIO UFES DE LITERATURA



Com dias cantados

Israel Rozário



Editora filiada à Associação Brasileira das Editoras Universitárias (Abeu)
Av. Fernando Ferrari, 514 - Campus de Goiabeiras
CEP 29075-910 - Vitória - Espírito Santo - Brasil
Tel.: +55 (27) 4009-7852 - E-mail: edufes@ufes.br
Homepage: <http://www.edufes.ufes.br>

Reitor | Reinaldo Centoducatte
Vice-Reitora | Ethel Leonor Noia Maciel
Superintendente de Cultura e Comunicação | Ruth de Cássia dos Reis
Secretário de Cultura | Rogério Borges de Oliveira
Coordenador da Edufes | Washington Romão dos Santos

Conselho Editorial | Agda Felipe Silva Gonçalves, Cleonara Maria Schwartz, Eneida Maria Souza Mendonça, Gilvan Ventura da Silva, Glícia Vieira dos Santos, José Arminio Ferreira, Julio César Bentivoglio, Maria Helena Costa Amorim, Rogério Borges de Oliveira, Ruth de Cássia dos Reis, Sandra Soares Della Fonte

Secretário do Conselho Editorial | Douglas Salomão

Preparação e Revisão de Texto | Fernanda Scopel Falcão
Projeto Gráfico | Gabriel Lança Morozeski, Pedro Godoy
Diagramação | Pedro Godoy
Capa e Ilustração de Capa | Gabriel Lança Morozeski

II Prêmio Ufes de Literatura 2013-2014

Comissão Organizadora | Fernanda Scopel Falcão, Orlando Lopes Albertino, Ruth de Cássia dos Reis, Washington Romão dos Santos

Comissão Julgadora das categorias Livro de poemas e Coletânea de poemas | Lucas dos Passos, Marcelo Paiva de Souza, Marcus Vinicius de Freitas, Paulo Roberto Sodré

Dados Internacionais de Catalogação-na-publicação (CIP)
(Biblioteca Central da Universidade Federal do Espírito Santo, ES, Brasil)

Rozário, Israel, 1971-
R893c Com dias cantados [recurso eletrônico] / Israel Rozário. -
Dados eletrônicos. - Vitória : EDUFES, 2015.
78 p. ; 21 cm. - (Coleção II Prêmio Ufes de Literatura ; 1)

ISBN: 978-85-7772-293-8

Também publicado em formato impresso.

Modo de acesso: <http://repositorio.ufes.br/?locale=pt_BR>

1. Poesia brasileira. 2. Literatura brasileira. I. Título. II. Série.

CDU: 821.134.2(81)-1

II PRÊMIO UFES DE LITERATURA

Com dias cantados

Israel Rozário



EDUFES

VITÓRIA, 2015

Apresentação

Apresentação

A história do Prêmio Ufes de Literatura começa em 2010, num período repleto de desafios para o mercado editorial, com recursos escassos e baixa articulação do segmento. Apesar das adversidades, não faltou comprometimento da Editora da Ufes (Edufes) e da Secretaria de Produção e Difusão Cultural (SPDC), hoje extinta. As discussões foram comandadas pela então secretária e diretora da Edufes com o apoio do Conselho Editorial da Edufes e dos membros da Comissão Organizadora interessados em premiar as melhores obras inéditas nas categorias poemas e contos, originando um livro com a coletânea dos textos selecionados.

Com os objetivos de fomentar a produção de obras literárias de qualidade, promover a literatura nacional e revelar novos talentos, a segunda edição do Prêmio Ufes de Literatura, em 2013-2014, já no contexto da vinculação da Edufes à Superintendência de Cultura e Comunicação (Supecc), veio com uma nova proposta, ampliando o número de modalidades e categorias, e de publicações e premiados. O concurso recebeu textos inéditos de escritores nas modalidades *Autor* e *Antologia*. As categorias autorais foram: Livro de poemas; Livro de contos e/ou crônicas; Livro de romance; e Livro de literatura infantil/infantojuvenil. Para a modalidade *Antologia*, as categorias Coletânea de poemas e Coletânea de contos e/ou crônicas.

Os vencedores foram selecionados entre os 223 candidatos que inscreveram suas obras, posteriormente analisadas por um júri composto por dezesseis especialistas divididos em quatro comissões. Entre os vinte e cinco vencedores do prêmio estão escritores do Espírito Santo, Minas Gerais, Rio de Janeiro, São Paulo, Maranhão, Pernambuco, Piauí, Paraná e Santa Catarina.

Nesta edição, 6 livros são publicados, de acordo com cada modalidade/categoria: um livro de poemas autorais; um livro de contos & crônicas autorais; um romance autorais, um livro de literatura infantojuvenil autorais, além das coletâneas, que contemplaram, cada uma, os textos de dez autores premiados. Seguem as listas das comissões e dos premiados por modalidade/categoria.

Premiados

Premiados

Modalidade Autor

Livro de poemas: *Com dias cantados*, de Israel Francisco do Rozário (ES)

Livro de contos e/ou crônicas: *Quando não somos mais*, de Vanessa de Oliveira Maranhã Coelho (SP)

Livro de romance: *A paz dos vagabundos*, de João Chagas Ligeiro Albani (ES)

Livro de literatura infantil/infanto-juvenil: *Pense melhor antes de pensar*, de Renata Regina Dembogurski Machado (PR).

Obs.: O escritor Vitor Bourguignon Vogas (ES) também teve o livro Irmãos de Leite selecionado nesta categoria, em que houve um empate técnico. No entanto, posteriormente, informou que a obra seria publicada por outra instituição, o que o tornou inabilitado para a premiação, conforme o regulamento do prêmio.

Modalidade Antologia

Coletânea de poemas:

“5 poemas quânticos precedidos por 7 estrofes pouco simples”, de Lino Machado (ES);

“ensaio para sair de casa”, de Carina de Lima Carvalho (SP);

“Não deixamos sementes”, de Rafael Luis Zen (SC);

“Antologia”, de Felipe Garcia de Medeiros (MA);

“Casca, casco, caos”, de Marco Antonio Queiroz Silva (SP);

“Sem fôlego”; “Nouvelle vague”; “Bazar & memória”; “Festim do Jardim”, de Adriano Apocalypse de Almeida Cirino (MG);

“Baldio”, de Tauã Valle Pinheiro (PE)

Obs.: O escritor Tauã Valle Pinheiro informou, posteriormente, que a obra seria publicada por outra instituição, o que o tornou inabilitado para a premiação, conforme o regulamento do prêmio.)

“O espanto e o impulso”, de Carlos Nathan Sousa Soares (PI);
“Soja Santarém”; “Assalto ao Chile”, de Edvaldo Fernando Costa
(Fernando Nicarágua) (SP);
“Todas as janelas da casa estão meio abertas”; “Num domingo nu-
blado de outono”; “Dum poema escrito num apartamento qual-
quer”; “Janelas”; “Transitivo”; “Deixa a palavra escorregar”; “Deixa
a palavra escorregar II”; “Dia sem luz/casa caiada”; “O Amor é po-
esia física”; “Ímpeto madrugal (poupa de fruta de um coração por
comer)”, de José Vander Vieira do Nascimento (ES).

Coletânea de contos e/ou crônicas:

Cabeceira do aventureiro - Mauro Leite Teixeira (ES);
Vestígios - Marcelo Henrique Marques de Souza (RJ);
A árvore - Rafael Vieira da Cal (RJ);
Historinhas do cotidiano - Liana Rita Gonzáles (ES);
A grande pergunta e outras histórias - Maria Aparecida Sanches
Coquemala (SP);
Os que veem profundo - Hugo Augusto Souza Estanislau (ES);
Quem ri por último, ri melhor; Touchè Du Thanathos; Cotidiano
em três cenas; Lições - José Ronaldo Siqueira Mendes (RJ);
A partida - Jessica Barcellos Bastos (ES);
Anonimatos; Histórias daqui e dali - Miriam da Silva Cavalcanti (ES);
Solitudes - Eduardo Selga da Silva (ES).

Aproveitamos este espaço para mais uma vez agradecer a
colaboração dos membros das comissões julgadoras, parabenizar
os inscritos, especialmente os contemplados com o Prêmio, e dese-
jar a todos uma ótima leitura.

Comissão Organizadora do II Prêmio Ufes de Literatura

Comissão

Comissão

Membros da **Comissão Organizadora**: Fernanda Scopel Falcão (Edufes), Orlando Lopes Albertino (PPGL/Ufes), Ruth de Cássia dos Reis (Supecc), Washington Romão dos Santos (Edufes).

Membros da **Comissão Julgadora das categorias *Livro de poemas e Coletânea de poemas***: Lucas dos Passos (Ifes), Marcelo Paiva de Souza (UFPR), Marcus Vinicius de Freitas (UFMG), Paulo Roberto Sodré (Ufes).

Membros da **Comissão Julgadora das categorias *Livro de contos e/ou crônicas e Coletânea de contos e/ou crônicas***: Anne de Souza Ventura (Universidade do Minho - Portugal), Mara Coradello (escritora), Renata Bomfim (AFESL), Tarcísio Bahia de Andrade (Ufes).

Membros da **Comissão Julgadora da categoria *Livro de romance***: Camila David Dalvi (Ifes), Luís Eustáquio Soares (Ufes), Nelson Martinelli Filho (escritor), Saulo Ribeiro (editor e escritor)

Membros da **Comissão Julgadora da categoria *Livro de literatura infantil/infanto-juvenil***: Adriana Falqueto Lemos (escritora), Andreia Delmaschio (Ifes), Karina de Rezende Tavares Fleury (AFESL), Maria Amélia Dalvi Salgueiro (Ufes).

Sumário

Sumário

EM QUANTO FOR POESIA

- 13 | Em quanto for poesia I, II, III, IV, V
- 18 | Baudelaire I, II
- 20 | Penetra
- 21 | Meço o começo
- 22 | Epifania
- 23 | Descompasso
- 24 | Motivo
- 25 | Espelho
- 26 | Coisa de estilo
- 27 | Desconcerto I, II
(e outros sintomas)
- 29 | Altiya e impopular
- 30 | Prece
- 31 | Em primeira pessoa
- 32 | Das anunciações malogradas
(versão apócrifa)
- 33 | O instante eu canto
- 34 | Song of the dead
- 35 | Estrangeiro
- 36 | Francesca e Paolo no inferno
- 37 | Réquiem
- 38 | Em significância

COM DIAS CANTADOS

- 41 | Cambriano
- 42 | Essências e afins
- 43 | Cotidiano
- 44 | Expressa a pressa dessa empresa
- 45 | Com dias cantados

- 46 | Nostálgica
- 47 | Entre dois mundos
- 48 | Um porta-retrato
- 49 | Coisa que se fale
- 50 | Fim

A OUTROS E UNS

- 53 | Vira-latas
- 54 | A poesia é
- 55 | Rimas
- 58 | O aprendiz de fetichista
- 59 | Entre palavras outras
- 60 | A outros e uns
- 61 | Haldol para Ismália
- 62 | Alice in hell
- 63 | Escrever ao gosto do público
- 64 | O ponto crítico é
- 65 | Antisséptico bucal para Annie
- 66 | Re-corvo de Poe
- 67 | Cisne
- 68 | Entorpecida
- 69 | Soneto : Pedestais
- 70 | Quíron
- 71 | A sua amada esquiva
- 72 | Poema cabeludo
- 73 | Finais inesperados
- 74 | Eu lhe apresentaria o Baudelaire
- 75 | Romance em três tempos
- 76 | Tudo já foi dito

I

EM QUANTO FOR POESIA

Em quanto for poesia

I

É tudo uma questão de estar atento
Ou de abstrair até a desatenção coerir
Não ser simplista mas buscar a pista
De dentro para fora em canto mudo

É revolver as cinzas do discurso
Em busca do que valha a cena ou parte
E em tudo uma noção de transgredir
Bom senso desde o centro em que me invento

É tudo um digerir do que apetece
À língua à mímica do que valha a pena
Ali a absorver apenas do que desce
Sem gástrico protesto em vil missiva

O rasto é rima de paupérrimas origens
Café solúvel e fast-food já pronto
Escondo a sombra numa chave mestra
O resto é atalho mas eu nem te conto

II

Já não me sou senão disfarce ou farsa
Se a verve alheia me apetece, eu meço
As palavras do verso em passo em falso
Eu faço pouco do que enerve o scholar

Mereço esmola em dólar, bom leitor?

Releia tudo do começo e pare
Perdendo o fôlego ou se no sufoco
Não vale a pena um sacrifício tal
Mantenha em foco o tráfego de signos

O ofício fóssil faz-se mais difícil

Eu posso muito bem fazê-lo a esmo
Só que já não me sou nem mesmo a sombra
No quanto faço vero ou falso e o belo
Prescinde doutro artífice do fácil

III

Você não sabe dessa miss a terça parte
O que se quis retrato em tudo quanto disse
É menos que a verdade e meia ou quase
O que se oferta por imagem do feliz

Já não se diz o mínimo por certo
Que o vulgo deu por encerrado o fado
Da moça em foco e o tido por bem dito
Ficou valendo e é lei sem quem desminta

La belle dame sans merci falsificada e ambígua
Não queira constrangê-la nessa crise
De identidade quando altissonante cala
E o verossímil já não cola vindo dessa atriz

O amor quer ser vassalo e não reprisa
Em cela ou mesmo em óleo sobre tela
O olhar da Mona Lisa e é por um triz
Que ao menos isso enfim saibamos dela

IV

A bordo de meus dias à deriva
Nem mais eu mesmo sendo, o mote antigo
Revendo pela louca perspectiva
De futuro afogado em quanto digo

Tal ser por imperfeito Inacabado
Atreve-se em profundidade pouca
A mais parca homilia, o estilo tardo
Performance formal na voz mais rouca.

Valendo-se da fala que ora afaga
E que ora adaga aborda o mesmo tema
Em tudo quanto for poesia a maga
Amarga musa traz e faz poema.

V

Em seus domínios erro, altiva dama
O meu desterro à margem de seus pés
É perpetuado a ferro e fogo brando
E não me vejo bardo em seus ditames

Dominatrix em látex e linguagem
Os seus desígnios são capricho e lei
Que à língua mais pudica pouco explica
E ao amargo faz doce, apraz-lhe o jogo

Baudelaire

I

O vislumbre do horror que ofende o quanto é puro
nutriu de lucidez seu verso majestoso
exalando beleza entre o pródigo e o gozo
da carne estertorante em seu mister obscuro.

A fantasmagoria ocupou seus escuros
enredos – uma vida em cursos desastrosos
faz justa a maldição? Na noite sem repouso
a cor voraz lamenta entre lúgubres muros...

Se entre mortos caminha agora é discutível –
a beleza em seu Hino é quem o imortaliza
e eleva o nome além do reles belo-horrível.

A alma no entanto é mais que o nome que uma brisa
elege, leve ou não, pendor do imperecível
que uma homenagem trai já por ser imprecisa.

II

Se incomodo outra vez a memória do poeta
por inépcias do verso a não fazer justiça
ao quanto foi, se a treva em redor me enfeitiça
à insensatez do canto em fala algo obsoleta

não veja o leitor nisso a insânia mais completa
-- não seria o primeiro, enfim, nas tais cobiças
inspiradas no olor que exala da Carniça... --
em seu mais forte golpe ao crânio de um pateta.

A voz com que cantou a Musa sem frescuras
resiste contra o tempo, exata em seus espasmos
de extrema lucidez, um método à loucura

afronta à produção floral desse marasmo
tão perfumado, então, e às gerações futuras
emblema de poesia, um seu célebre orgasmo.

Penetra

Penetra nas tertúlias do mau gosto
ofendo ao beletриста com meu brado
-- o maestrote de ouvido delicado
odeia pé quebrado e vira o rosto:

“Vate aviltante!”, exclama. “Ah, que desgosto!”
cospe outro mais adiante -- embilacado
me censura as cesuras, exaltado --
“O altar foi profanado! Vai-te, encosto!”.

E a cascata de insultos da ‘cerúlea’
nobre plêiade segue à rédea solta:
uma tia encarnou Francisca Júlia...

Bicão reincidente à cena em volta
e persona non grata da tertúlia
só me ocorre algum riso e não revolta.

Meço o começo

E agora por capricho ou desencanto
começo sem princípio ou fim, sem meio -
a noite devolveu meu devaneio
em cântaros, quisera fossem cantos

- e às voltas com meu verbo em todo encanto
a verve instaura o Belo até no Feio
a paradigma e dogma sempre alheio
o quanto possa, um pouco mas nem tanto...

Preciso onde emoção quer ser tirana
o verso à superfície dessas horas
encerra em metro a Dor em soberana

música e tudo flui por noite afora.
A inspiração, distante, é uma cigana
a especular da sorte, enganadora.

Epifania

Esse calar de estátua reticente
a dedilhar silêncios descuidado,
o prelúdio da luz que se presente
da fadiga das horas, esse estado

de pausa após as breves comoventes,
essa falta a compor desocupado
espaço no em redor e o quanto intente
o dizer o indizível nesse lado :

eis o sentir pensado, a epifania
e o deus desconhecido, eis o portento
em que palavra é ser e teogonia

onde o sentido aguarda, embrião da fala
e as horas em contínuo movimento
agonizam na luz, tudo o mais cala.

Descompasso

Compondo uma paisagem de beleza
ou erro necessário a cada passo
por trilhas em desuso em descompasso
com passionais atalhos por defesa

pondo imagem num quando, uma certeza
que se faz no gerúndio que me faço
encerro os planos todos nesse traço
– um mundo que se quer janela e mesa.

Ousando em cada fim meu recomeço
o itinerário exato do carbono
a prescindir de prazos e de apreço.

A noite traz recusas no meu sono
inexorável porre em que me esqueço
dos reinos todos, Bobos e seus tronos.

Motivo

Veio à cena tardio e sem escolha
o Trágico ao Patético se unindo
em ser sem ter motivo ou tema, a folha
à espera do Poema há muito findo.

Não que não toque o Belo ou que não colha
o fruto de seu canto, o seu mais lindo
sentido no existir, a imensa bolha
(ou redoma...) mas não é, mais, bem-vindo.

O verbo que lhe pesa agora aos lábios
repensa o seu perpétuo estar à parte
os versos nem por isso algo mais sábios.

O motivo que o alcança é o velho drama
muitas vezes revisto e com mais arte
que a que se justifique só por fama.

Espelho

Espelho de quem fui num mesmo sonho
a face envilecida desse estranho
que atende por epíteto medonho
e o olhar a duvidar do olhar tacanho...

envelhecida face na qual ponho
o olhar que desfalece... Como a estranho!
Espelho amaldiçoado com que sonho...
Ao fundo um firmamento em brasa e estanho.

Devolve a alma que amarga esse encontrar-se
prisioneira no sonho, espelho horrendo!
Alma traz marcas, rugas, não disfarce...

encontra-se refém de tal tortura
no sem tempo do sonho corrompendo
a percepção do ser no que perdura.

Coisa de estilo

Quando eu tiver estilo, assinatura
e marca registrada em meu rascunho
errático, quando eu de próprio punho
ousar poesia sem literatura

e a 'linguagem da tribo for mais pura'
em meu verso em janeiro, julho ou junho
e o quanto escreva encerre algo de cunho
'pessoal', só vou pensar numa ruptura.

Que o desafio acena em quanto falta
a cada pensamento, à verve e à tinta
diluída por demais – se o canto exalta

a permanência em tudo embora minta
a cada nota à mesma e velha pauta
a vida assume as rédeas – ouça-a e sinta.

Desconcerto (e outros sintomas)

I

As máscaras descansam por agora
que o ser tem no dizer a própria face –
identidade em tudo estigma – faz-se
o penhor de verdade redentora.

A suprema certeza é vã lá fora
e, como se de truque se tratasse,
desdenhada e ofendida – o medo nasce
na estupidez da tribo, essa impostora.

A hora é grave e o ar pesado oprime
o ser no quanto assume de genuíno
e de inegavelmente seu – tal crime

ofende e desconcerta a bizantino
e parvo onde a consciência só se exprime
em música pensada ou desatino.

II

Porque cantar implica em certa ofensa
ao silêncio que se ergue ubíquo em tudo,
a teia pegajosa, o fio mudo
em trama costumeira, em rede imensa.

Do canto em quanto sente e em quanto pensa
o verbo assume o gume mais agudo
e fere a tessitura desse escudo
de tácita mudez obscura e densa.

Duvida do que erguendo tal cortina
de silêncio confina o quanto importa
a salvo do discurso, mão mofina

a da intenção velada. Não conforta
saber-se à margem da mudez que ensina
ser vil por tudo quanto encerra e aborta.

Altiva e impopular

Altiva a desdenhar do circo em volta
o mesmo cerco dos que a querem morta
ou corrompida musa vesga e torta
a sorrir sem vassalo e sem revolta

a prescindir de aplausos e de escolta
impopular e pronto, quem se importa?
Ergue o olhar para fora e assim, absorta,
revela-se divina em notas soltas.

Quem pode perscrutar o estar à parte
de seus longes nas brumas das idades?
Ao parvo algaravias e descarte

e os vazios da hora que se evade
por substituto ao Belo e ao Bom na arte
- ela os desdenha e encerra em si a Verdade.

Prece

Acende os meus instintos, noite impura
e instaura o seu domínio negro em tudo
que assumo a minha máscara, a tortura
lasciva do desejo mais agudo.

Macula esse setembro de procura
com rubros e licores sem contido
saciar-me tão de pronto, seja a cura,
ó, noite, desse dia carrancudo.

Depois profana a solidão das horas
que o instante exige um cúmplice e um portento
sombrio nas estâncias sedutoras.

E encerra sob vis selos e segredo
o nome dos requintes do tormento
de tantos pesadelo e angústia e medo.

Em primeira pessoa

Mas ele, esse outro em tudo pertinácia
retorna incerto de cenário e cena :
a Augusta alcunha, O Eu Lírico, o condena
ao papelão mais óbvio e à falácia.

Que ser pela voz do outro pede audácia
e não apenas máscara, essa amena
persona que se agrega e atura a pena
de ser além do ser em contumácia.

Cumprir notar que quem está falando
só diz de si pelo outro, esse seu par
e avesso duplo, doppelgänger, quando

e o quanto essa simbiose queira dar
de má vontade sempre e emocionando.
E a primeira pessoa é singular.

Das anunciações malogradas (versão apócrifa)

Era uma vez a vida comovida
e o anjo que não veio a tempo errando
a porta e o berço e o cais, e tudo quando
era só o que faltava. Se atingida

a meta – que tais seres não têm vida
tão fácil – já estaria celebrando
a aldeia mas, enfim... De vez em quando
anjos – não santos! – viram a partida.

Feito o diabo que surge bem no fim...,
só coadjuvante. E agora dorme a aldeia.
E a porta ainda não viu seu querubim.

Do porto não faço a menor ideia.
E o berço anda vazio mas, por mim,
vai ser tomado por bolor e teia.

O instante eu canto

Nem tão Camões e nada inglês confesso
o verbo errar de meu calar e ser
no verso o quanto o verso pode e quer
sem palma ou louro e sem qualquer apreço.

Confundo os passos fracos pés em gesso
e passo aos saltos cascos de esquecer
erguendo a taça em prata a um deus qualquer
e alguém dirá : não passas dum possesso!

Versar com rédeas pode ser o estorvo
de vida mais sem Graças... nesse nível
não fico – não sou pombo, eu sou mais corvo...

Não volte aqui se já me achou horrível :
o instante eu canto e bebo em longo sorvo
que a vida em longos goles é sofrível.

Song of the dead

“Sabia que você viria logo
e contra a expectativa ao musgo e ao lodo
traria as lindas rosas que no engodo
do abril sonhassem..., cenas de seu jogo...

Pressentimento me acendera o fogo
de querer seu cuidado a qualquer modo
– à véspera sonhara : o mundo todo
em trevas fenecia – e eu fui só rogo.

E você veio, encerro assim meu conto –
o horror passou, suporto esse abandono
em certa paz após seu passo tonto.

Retorne quando for de novo outono
com lágrimas ou rosa ou um verso pronto –
e agora nada me interrompe o sono.”

Estrangeiro

Não sou daqui, não mais que o sol que foge
e sabe a não ter sido quando ausente
e a trilha de seu passo logo mente
a quantos dele queiram cinzas do hoje.

Não sou daqui, não toco o que me enoje
o olfato, há um morto à porta e bem recente...
Condeno o riso alheado, a paz demente
que cede ao Mal e ao quanto o Mal se arroje.

Não sou daqui, mas vós também não sois,
embora tudo em vós aponte o oposto,
videntes cegos, fartos, lerdos bois.

Não sou daqui, não trago o vosso rosto
aldeia vã do agora sem depois
no aqui se reina o caos e a dor, desgosto...

Francesca e Paolo no inferno

As sombras que no Inferno ao florentino
Lamentam seu trevoso e horrendo estado
Assuem que o instinto conturbado
Os trouxe ao fim que imputa seu destino.

Desejo, incontinência e desatino
Que os inebriara em leito de pecado
Conferem culpa e vão remorso achado
O fim por mim não visto, só o imagino.

‘Amar’, diz ela, ‘amar foi quanto fiz
Em vida, o grande mal que aqui me traz.
Meu erro foi querer ser bem feliz’.

‘E agora nada vale a minha paz’
Diz ele, atormentado, e nada diz
Do amor que o acometera, e tanto faz.

Réquiem

Sepulta o seu amigo imaginário
na cova rasa que lhe custa a infância –
a tarde é todo um negro itinerário
de bosques mortos, perda e repugnância...

Distante de quem foi, já solitário,
o túmulo não perderá a importância
dos dias da inocência – e que ao contrário
do infante é deformado na arrogância.

Pois parte dele jaz também na cova
de mudo apelo que incomoda a tarde
– o amigo não retorna, não sem ‘prova’...

E a dor desse construir-se dum ter sido
em vão faz parecer bem mais covarde
o canto tímido, o olhar perdido...

Em significância

Recorre ao arsenal de devaneios
Que lhe açucaram chá das cinco e humor
E a noite logo chega sem rodeios
Ao pátio de seus tédios, no em redor...

Que os seus dias não raro são bem feios
Não é segredo e nada faz supor
Mudança num querer já tão sem meios
Que é por si só seu desagravo e dor.

Recolhe-se encerrada entre cortinas
Se a lua é vil rival – a vigarista
Domina os becos sujos e as esquinas...

As horas dos langores mais tristonhos
Não trazem nem por dádiva imprevista
O amor que não lhe ocorre exceto em sonhos.

II

COM DIAS CANTADOS

Cambriano

Fóssil difícil : cavei-o
Mas a verdade não veio.

Essências e afins

Não procurara guru
que lhe acenasse respostas
essências e afins

(era de fato um tempo de gurus)

Não procurara um rebanho
onde não fosse o bode
branco a destoar do todo
atrás de quem dissesse
que isso não, que isso pode

Não lhe comovera o senso
meio alheio e sonso
o movimento suicida
das ondas contra rochas reticentes

Não lhe ocorrera a insensatez
que era adestrar o fogo
com tão precárias rédeas

E ainda assim (ou por tudo isso)
celebra, o tonto

Cotidiano

Coloca de novo o volume com poemas
de Dylan Thomas na mochila –
pretende ler mais tarde no trajeto
e à espera do transporte – evita os homens-chaminé.

‘São vinte e dois pilares, já contei –
a minha a plataforma treze’.

Escoam sem sentido instantes
sentidos sim com tanto tato
que é quase recato
esse arremedo de contato –

do que o tempo lhe tira o seu verso faz pira.

Expressa a pressa dessa empresa

palavras palavras
palavras no fim
são só palavras
colhidas lidas
relidas escolhidas e cantadas
no ritmo que convenha

mas assim mesmo e até por isso o encanto
enquanto for poesia
e o espanto de encontrar nesse esperanto
um vento para além de nós
e alento brisa nessa insensatez
que intento e por bem pouco vendo
a quem vai lendo
a tessitura desse dito por desdito

o escrito
o pergaminho do momento que agoniza

só palavras no fim sem que só vício
ou desperdício justifique a pressa
dessa empresa

a fresta na represa
a gesta que se preza
a reza ou o que não mais se presta
a tais requintes conspirando contra o prático
por pura teimosia

durando contra as ondas
embora os movimentos vagos
de vagas indo e vindo

a voz medindo o abismo derradeiro

Com dias cantados

depois de tudo o nada
o quase o pós
e ainda após o transe
o embasbacado estar

sem voz perplexo
o não acreditar
o baque o engolir seco
à míngua dalgum nexo

a busca por atalho ao transeunte
acostumado
a fala falha
e a gralha ignora o espantalho

o engulho e o ruído ao fundo
a turba burbu-rindo
em de-coro diz 'lindo'
e decantando o por enquanto

o agora o dia a dia
a azia entre balidos indolentes
no pós-tanto o preço
de portantos e contudos

depois do rude o rústico
o unplugged
o acústico por cáustico
em palco montado

a beleza da presa em defesa
o imolado
e o pernóstico bando
com dias cantados

Nostálgica

Uma alegria que pra sempre dure?
Beleza encerra filtro que a depure

que nada alheio a si faz com que mude
a graça de si mesma pelo rude

em canto enquanto dura a voz do bardo
encantamento e alívio a duro fardo

de pura essência a traduzir Verdade
- que para sempre dura - o dia invade.

Mas eu não sou romântico nem nada
e Keats a uns moderninhos desagrada

que contar pés a séculos passados
pertence e aos tomos mais embolorados -

em tempos controversos quase versos
dizendo quase nada em baba imersos

o belo é o velho espectro da beleza
- é uma baranga vil sem classe e obesa.

Entre dois mundos

a janela justifica
a vista

ao menos deixa
a pista dum devir
a reprisar
o que se espera estar
ali nem mais nem quase

em paz a imagem
reconstruída de passagem
a abrir-se no vislumbre
que se quer exato
pois o mesmo inexorável

nunca a esmo

o irretocável
trato como o que de fato
encontra e jamais frustra
a sempre viva expectativa

o outono é o paisagista
mais obscuro do hemisfério sul

e em todo caso o sol
penhora o ouro pelo vale adentro
e a grama que murmura
não conhece pardais mortos
pesarosos passos
lágrimas ou pás

o espaço entre dois mundos
é a percepção
que contamina
a mínima noção de cursos

e distância

Um porta-retrato

se amor não cumpre
em si seu fim
tampouco o atroz calar
da tua face em foco

retinas e memórias
que não toco
exceto por delírio
a grácil louco

compor por improviso
o teu semblante
urgências de suicida
ao quase salto

é menos que o bastante
e gesto incauto
ao cúmulo de ausências
desse instante

suponho esperas
em teu riso exato
a constringer por belo
o olhar da lente

esperas e suspeita
em teu recato
e embora longe
e amor não mais intente

castelos fátuos
contra a luz dos fatos
a foto é desconversa

displicente

Coisa que se fale

Em todo caso um verso traz em voz
um vir à tona a fala do afogado –
o que se disse incerta vez e após
o afã de breve chama jaz passado:
é tudo vão capricho de anjos só.
Umbral das horas muda o ledó fado

a tudo quanto a voz ousando pouso
devolve a chave exata do segredo.
Limpendo o pó, as teias do desuso
um verso traz em luz e voz enredo
além do dia, o espaço pelo obtuso
errar, um louco livre desde cedo.

Um tal ofício o ócio ou cio vazio
que leva a dunas plenas de dizer.
E de dizer se faz, eterno a fio □
é mais difícil quando sabe ao ser
linguagem pura ou tão somente rio
e rito, é fácil vindo sem querer.

Ouvi dizer que morre a dita cuja.
E ocorreu-me dizê-lo em nota muda
É nada o canto embora belo e ruja
Nas ondas indo e vindo, não iluda
O tolo a rosa (rosa) em boca suja
É falsa essa agonia a mais aguda.

Fim

Sim, deixe-se enganar de mui bom grado
e desde esses degraus com tal descuido
assine o cheque em branco da poesia

como quem quer levar na cara um tapa
e despertar da letargia – creia
creia piamente nas placas de PARE

e ouse essa vez deixar a chave em casa
e toque a campainha ou bata palmas
serei seu cicerone nesse dolo

a minha declarada meta em tudo.

III

A OUTROS E UNS

Vira-latas

tenho três vira-latas:
duchamp, apollinaire e mallarmé

o primeiro adora postes
mas não distingue muito bem postes de pernas
o que eventualmente pode
ser bem desagradável
especialmente se você não for um poste

apollinaire é um folgazão
brinca com tudo, é o rei da festa
nem a razão escapa aos seus tão engenhosos jogos
o sentido da vida, o brinquedo supremo
é sua sopa de letrinhas

já o mallarmé, ah, o mallarmé...

ele é especial (se é que me entende)
o olhar demente a perscrutar
entediante o nada horas a fio cansa
não late e se o fizesse
seria apenas um dialeto do vazio

você gosta de cães? eu tenho três
vira-latas: duchamp, apollinaire e mallarmé

A poesia é

'A poesia é quando
a distância recolhe os seus acenos
e faz deles linguagem
que não é a dos pássaros
e nem – claro! – a dos anjos, mas talvez
a das rochas durando contra as ondas :
irreduzível sempre
e, no imperceptível mover, maciça.

A poesia é como
as árvores de nosso inverno ameno
ensaiando a nudez
mais plena e permanente de seus ramos
no aceno impróprio e sempre ineficaz
de súplica sem prece ao firmamento
de cinza sequestrando o azul que resta –
de bosque agonizante
contaminado pelo amargo solo
dessa estação que mente.

A poesia é onde
a noite estaca em trilhos, sem roteiros
e a noção mesma de paisagem fina
– dimensões abolidas.'

R i m a s

I

É dono da Razão porque leu Kant...
Quer separar do trigo o joio à força
de falácias. No entanto, e embora torça
argumentos sem fim, não leva adiante
a cruzada elitista, o vil pedante...
O delírio da forma muda o torso
do algoz vencido e em tudo agonizante –
a empáfia a se extinguir, deselegante
em suspiro ofegante, em vão esforço.
Não cabe aqui meu luto, nem remorsos.

II

Deixar por hora a voz pousar de leve
ali na curva ambígua dessa concha atenta –
um pouso claro que a razão comenta
sarcástica na empáfia a qual se atreve
– deixar que pouse em noite modorrenta
feito portento ou rapto, o que se deve
à dor que o céu de agora em vão descreve.
Amor que idealizei com mente isenta
do crime necessário, angústia breve
à margem doutros voos, sem tormenta.

III

Afetação, não mais a pose antiga,
o bobo inconstante, o menestrel
seguro das canções e do escarcéu
de críticas, futricas tolas, briga
e que tais – não, não mais, que agora o céu
abre as portas pra fora. Aconteceu
de novo, Afetação, minha cantiga
renovada do quanto se esqueceu
a turba – já não me perturba a liga
dos aflitos. Surpresa? Ah, nem me diga...

O aprendiz de fetichista

Fascina-lhe o espartilho sufocante
da forma pela forma, é o que lhe excita –
o talhe sempre túrgido e pulsante
do objeto do desejo o atinge e o agita.

Sapatos deixam louco o pobre amante
de bizarras manias, quase grita –
os pés são caso à parte... Interessante
é vê-lo assim, que criaturinha aflita...

O Grande Pervertido Imaginário
– ensandecido Sade inacabado –
acha-se o tal, não passa de estagiário.

E faz alarde e traz a descoberto
das peripécias, risco calculado –
Restif de La Bretonne nem chega perto...

Entre palavras outras

uma palavra ousando o pouso
exata pois vital
confere nova perspectiva à cena em volta
entre silêncios e martelos
traduz sentido essa palavra tríptico
não mais a mesma aos lábios outra vez
oclusivas insanas
cerzindo a tessitura do dizer
aos lábios outra vez

onde re-pouso evoca afirmação
assim o onde chegar essa palavra
nua e única

um vez mais ensandecidas
insanas bilabiais
vilipendiando o corpo no lugar comum

ousando o pouco caso o pouco
apreço ao preciosismo do anacrônico
'não raro os arrebóis d'antanho...' e tal

assume arisca o risco de crise e tolices
todas as coisas mesa mesmo então
entre gerúndios e remendos meus
ondas e vagas superfícies
preces risíveis e lamentos tantos

onde reprise quer ser tradição

entre palavras outras
uma palavra ousando o passional
querer que em si traduz perplexidade

outro o reflexo nas vitrines do cediço

A outros e uns

entre faces e fases
disfarces à parte
(interpreto)
escravo
do fazer que se faz de afasia
escrevo

nem para quem nem sem porquê
escavo
resignado coleóptero
e me atrevo a tais delitos
da escritura

a quem possa (interessante)
interessar

entre fósseis difíceis
e falésias felizes
a viva e vaia indiferente
nem cético nem crente

escriba sim

se para mim somente
ou separada-mente
a outros e uns
compondo

para quem queira ler

Haldol para Ismália

*“E no desvario seu,
Na torre pôs-se a cantar...
Estava perto do céu,
Estava longe do mar...”*

ISMÁLIA

Alphonsus Guimaraens

Deixaram-na sozinha novamente –
está na sala, quer chegar à torre.
Não lhe impedem seu passo e ela não corre.
A noite é grande e a lua está contente.

‘A vida é sonho. O Sonho é diferente
do quanto vivo aqui. No alto da torre
a lua diz que em sonho ninguém morre.’
Será que ninguém para essa demente?

‘Subir, subir bem rápido e lá no alto
dizer à lua o quanto é bom ser pura.’
Lua sorri – ninguém falou em salto.

‘E a vida, bela enfim, também tem cura
– eu sinto quando estou aqui, tão no alto.’
A lua cerra os olhos com candura.

Alice in hell

Na mesma toca – ‘again?’ – caiu Alice.
Ai, ai, isso não é notícia boa.
A tonta não aprende, o que que eu disse
Sobre ir atrás de lebres, hein, pessoa?

Ceder tão fácil assim, mas que mesmice!
Será que vale a pena? Que tal loa
Ao mesmo fosso à espreita a conduzisse
Mal posso crer... A culpa é da garoa?

Alice faz, Alice paga : os sonhos
Já nada são do que por fim teria
Seu passo alegre noutro rumo ou tento.

O fosso logo expele os seus demônios
Grunhindo ameaças pela noite fria.
Fodeu, Alice, agora é só tormento...

Escrever ao gosto do público

*Around me were the echoing dunes, beyond me
The cold and sparkling silver of the sea --*

Sara Teasdale

Escrever ao gosto do público
é corroborá-lo – dublar-lhe
o verbo bárbaro sem pejo algum

suprir com eco apropriado
o sopro distante.

Diante da palavra faz-se
o impasse de dizer-me ou não
nas tantas faces roubadas

desapropriadas

da multidão na qual no entanto
os espelhos não duram muito.

No melhor dos dois mundos –
o quanto à superfície vem de mim
e o canto afeito à audiência
– reside esse outro eu

que não me sou senão por farsa
ou, por assim dizer, estilo.

O ponto crítico é

o ponto crítico é
o crítico (que se quer herético)
estético e patético
exegético hermético

o que está (ora!) em questão
– centro
do excêntrico circo de um clown só –
é o umbigo (olho cego do ego)

entre uma polêmica
e um infarto
(quem diria, tem coração!)
andamos fartos (leitores)

do tal revisor das verdades sagradas

Antisséptico bucal para Annie

*She tenderly kissed me,
She fondly caressed,
And then I fell gently
To sleep on her breast-
Deeply to sleep
From the heaven of her breast.*

FOR ANNIE
(Edgar Allan Poe)

A paz após o beijo (ela o beijara!)
não era exatamente o sono ao justo
ou coisa assim trivial mas tão 'na cara'...
e vê-lo tinha algo de espanto e susto :

a lividez que o beijo ali deixara
é reticente ou diz a muito custo
da boca – a Morte nunca foi tão clara –
com que o beijara, nem do excelso busto.

É doce o encanto do infortúnio? Azedo?
Quem poderá dizê-lo assim certo?
O Amor veio e partiu, ficou só o medo,

o horror surgindo em manchas, vil necrose.
Mais que o sabor o que me intriga é o cheiro
– será que Annie sofria de halitose?

Re-corvo de Poe

Atreve-se a ave negra em treva aos meus umbrais
em pluma a crocitar impune o plúmbeo dito,
insânia que à alma insone agras lembranças traz
onde eram cinzas, vento e as ânsias de um perdido.

Une infortúnio a horror em ruído pertinaz
a asa do estorvo, a cor voraz fere olho e ouvido
e entre vertigens, ânsia e outras tormentas tais
a alma sucumbe em meio a angustiante grito.

C i s n e

Nessa de encenar, o cisne
cínico insinua um signo -

se na cena assume um sim
nem por isso ao sim resigna-se
reticente acinte e asnice

nesga implume expõe o néscio
nessa de sentir-se em céus
de sonhos não seus, excede
e deslumbra-se em segredo
(extrapolar? tem seus medos)

sendo esnobe nos seus modos
muda-se cheio de dedos
penas rendem pesadelos
cena após cena, oh tolice

aziaga imagem de crise
cirros cinza doutros céus
signo ou brasão não troféus

pobre, pobre cisne vão

Entorpecida

Dormes e há séculos tantos
sonhas no túmulo escuro –
príncipe algum no futuro
sentes chegar, só quebrantos.

Anjos de mármore e santos
ocos não são teu tesouro –
bela, tens mais que o monturo
vil da fraqueza por manto.

Foi rude inveja de fada,
fado que instaura tal sorte,
causa de tudo e mais nada.

Dormes sem paz nem consorte
plena em sombria morada –
sonhas, no entanto, em tal morte.

Soneto : Pedestais

Gesang Ist Dasein
(R. M. Rilke)

Assino o signo obscuro da poesia
e leminskianamente estranho o estalo
mas dele extraio o estilo em quanto falo
essência e não só forma em primazia.

A forma informa e trai se está vazia
é o dia que não vem se não há galo
que o instaure no gogó..., cumpre avisá-lo :
'Cantar é Ser', mas isso eu já dizia...

As palmas duram tanto quanto os louros :
feliz é quem dispensa pagas tais
em favor de valores duradouros :

quem pode prescindir de pedestais
nas plagas da palavra. Há mais tesouro
além do agora de óbvios e egos tais.

Quíron

pobre quíron ressentido
injustiçado quíron
ego ferido
desencana :

a seta que lhe acerta
a coxa desta feita
nem era de héraclés
que coisa!
e (como da outra vez)
não lhe era endereçada

ah, caro quíron
cure-se se isso for possível

ó filho de íxion e da
mais bela nuvem (mas
uma nuvem é sempre uma nuvem
não é mesmo?)

desencana, cara
cure-se se isso for possível

A sua amada esquiva

Um dia desses
desces
desse teu pedestal

e a pose de vestal
esqueces
entre lençóis, não preces.

Poema cabeludo

Censor que por sensor rastreia o escrito
a fim de bem mantê-lo em seu restrito
senso de belo e bom de seu decente
e politicamente discreto juízo...

Tesouras ameaçando-me as cesuras...

Suportará o meu verso hirsuto tais tonsuras?

Finais esperados

Preciso do toque impreciso do Acaso
Em verso bem próximo ao trato da prosa –
Por Tzara ou Breton, minha cara, é uma rosa
A rosa, entendeu? E o meu prato é bem raso.

Decido que o dia é requinte do atraso
E o preço do público é a sopa rançosa
Vendida vencida e ainda assim onerosa –
Poesia é viver de inventar novo prazo.

Concedo o favor duma dúvida obscena
A vossa santíssima fenda falaz
Se alguma coerência entre os pelos acena.

Extraio da lenda o sentido que apraz
À paz de finais esperados. Que pena
Frustrá-los com lápide e texto 'Aqui jaz...'

Eu lhe apresentaria o Baudelaire

Eu lhe apresentaria o Baudelaire um dia desses,
à falta de argumento as Litanias, minhas preces

é tudo mais difícil desse meu lado do espelho –
fixar o olhar não o faz mais sábio, não, só o faz mais velho.

Não que eu pretenda convencê-lo desse olhar que fere
mas lhe apresentaria, dia desses, Baudelaire

e a dança não seria mais ideia tão ridícula –
atente nos detalhes insinuantes, na clavícula...

Que em nada mais mantenho agora sequer interesse
e embora o estranho blá-blá-blá do abismo nunca cesse

maior minha tendência a ouvir o seu negro conselho
é tudo mais difícil desse meu lado do espelho.

Há um passeio sombrio sem Virgílios e sem Dantes
por via extrema – atente nos detalhes insinuantes

siga os meus passos se quiser e não se desespere
por pouco que antes disso lhe apresento o Baudelaire.

Romance em três tempos

ele era um cavalheiro e ela o amava
seu cheiro no setembro era o das rosas
que ela adorava e do papel do embrulho
e perfume barato e do desejo
que a primavera neles despertava

depois suor do emprego detestado
conhaque mais barato que o perfume
de solteiro e o aroma de aventuras
que tanto a enojam saudosa das rosas
a odiar-se um pouco e amando por costume

e ainda depois o cheiro de pomadas
e fraldas por trocar num velho leito
na ala da geriatria ela o visita
meio sem ter motivo exceto a falta
absoluta de outro algo para amar

Tudo já foi dito

tudo já foi dito
do tomo sagrado
ao bilhete suicida e ao recado
tudo foi comunicado

tudo já foi dito

e o quanto diga agora
apenas eco ou nem isso
cumprindo a distância
entre a origem e o obstáculo

tudo por escrito
nos rascunhos do tempo
escritura e resquícios
de grito ou de ritos aflitos

tudo foi tocado
com luvas lívidas e reverência
ou sem pudicas luvas
nem pompa ou com escracho

tudo foi lavrado
na palavra o dado viciado
o viva a vaia o olvido
tudo foi trocado

em miúdos troqueus e tranqueira

tudo é já demais
no excelso excesso
de práxis e processo
em gesto e manifesto

tudo já foi dito

Esta publicação foi composta utilizando-se as famílias tipográficas Optima e Special Elite.

É permitida a reprodução parcial desta obra, desde que citada a fonte e que não seja para qualquer fim comercial.

